

# **A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA PARA A APRENDIZAGEM E A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

## **RESUMO**

A partir de revisão de literatura, foram analisadas questões referentes à relação família-escola, enfocando a importância, os entraves e as expectativas dos envolvidos nessa parceria. Apresentou-se os vários arranjos familiares da atualidade, enfatizando o que é de responsabilidade da família e o que é da escola, culminando com a interdependência existente entre estas duas instituições, a influência da família na aprendizagem do filho/aluno e as alternativas para que a comunidade participe de forma efetiva no ambiente escolar. São apresentados relatos que demonstram o desempenho da escola na realização de atividades que a aproxima da família e o ponto de vista dos atores desse processo: os pais, o filho/aluno e os profissionais da educação. Verificou-se, a partir deste estudo, que a relação família e escola demonstra uma tomada de consciência, além de ser também um ato político que estimula a cidadania. Desvenda-se então uma relação marcada por situações vinculadas a algum problema, como o baixo rendimento escolar dos filhos, a ação da escola na orientação dos pais de como educá-los, e a omissão dos mesmos na realização das atividades escolares à medida que o filho avança nas séries. A atuação do psicopedagogo, de maneira preventiva, assessorando e esclarecendo a escola sobre os diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem, analisando os fatores que favorecem, mediam ou prejudicam um bom aprendizado. Em síntese, há atualmente uma necessidade de se elaborar novos debates sobre o tema e formular propostas que contribuam eficazmente para o reconhecimento e valoração dos pontos positivos concernentes ao processo educativo.

**Palavras-chave:** Aluno. Pais. Ensino. Cidadania.

## **ABSTRACT**

From literature review, questions regarding the family-school relationship, focusing on the importance, barriers and expectations of those involved in this partnership were analyzed. Presented the various family arrangements today, emphasizing that it is the responsibility of the family and what is the school, culminating with the interdependence between these two institutions, the influence of the family in the learning child / student and the alternatives to that the community to participate effectively in the school environment. Parents, the child / student and education professionals: reports showing the school's performance in carrying out activities that brings family and the point of view of the actors in this process are presented. It was found from this study that the family and school relationships demonstrates an awareness, as well as being a political act that encourages citizenship. Unravels is then a relationship marked by situations linked to a problem, such as poor school performance of the children, the action school guide parents on how to educate them, and the omission thereof in the conduct of school activities as the son progresses in the series. The role of the educational psychologist, preventively, assisting and clarifying the school on various aspects of the teaching-learning process, analyzing the factors that promote, mediate or hinder

effective learning. In summary, there is currently a need to develop new debates on the topic and formulate proposals that effectively contribute to the recognition and valuation of the educational process concerning the positives.

**Keywords:** Student. Parents. Education. Citizenship.

## INTRODUÇÃO

A família é o primeiro grupo social do qual a criança faz parte e o seu primeiro meio de socialização. As mudanças culturais produzidas na modernidade produzem e enfatizam diariamente as dificuldades que a família atual enfrenta na sua função de transmissora da cultura, fazendo surgir os sintomas clínicos decorrentes, aumentando a procura pelos profissionais da psicologia.

A criança, para incorporar esses instrumentos culturais, precisa da relação com o outro, criando assim um vínculo para que haja um espaço ideal de aprendizagem.

No século passado, a criança permanecia na família até ir para a escola aos dois ou três anos de idade, preservando seu lugar e sua identidade até esse momento. Na contemporaneidade, com a mulher ganhando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, a criança tem de ir mais cedo para a escola. Antes dos dois anos de idade é inserida num ambiente comunitário, com suas leis próprias, sem contato algum com a segurança que encontrava no âmbito familiar. Por melhor que seja o ambiente, por mais preparados que estejam os encarregados dos cuidados com esses pequeninos, nunca poderá ser comparado ao convívio familiar, à sensação de se sentir seguro e protegido pelos familiares.

Para a criança pequena os pais representam a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. O seu desejo mais profundo é ser igual a eles. Contudo, à medida que se desenvolve, ela começa a percebê-los de maneira crítica. Com isso pode surgir um sentimento de estar sendo negligenciada, agravando-se com a atitude de alguns pais que, apesar de estarem sempre presentes fisicamente, não fazem a diferença, pois são completamente ausentes, não procuram se inteirar dos problemas relacionados aos filhos, não se envolvem.

Por um lado, a maioria das famílias não se interage com a escola de seus filhos. Por outro, as escolas, institucionalizadas, não procuram uma relação mais estreita com as famílias, preocupando-

se somente com o que acontece do lado de dentro dos portões, esquecendo-se de que para o bom comportamento e aprendizado da criança depende, e muito, sua vida afetivo-familiar.

Este trabalho pretende investigar a importância da relação família *versus* escola, o grau de envolvimento dos pais com a vida escolar dos filhos e como os fatores afetivos influenciam no processo de aprendizagem da criança.

Será que a família do século XXI está em condições de oferecer aos seus rebentos todo o aparato necessário à sua construção subjetiva?

Diante dessa problemática, qual o papel do psicopedagogo? Que atitudes ele pode e deve tomar para promover uma interação? Deverá levar a família para dentro da escola, para caminharem juntas e falarem a mesma língua, protegendo a criança ao mesmo tempo que reivindica e explora suas capacidades, auxiliando no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem?

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A relação família-escola no Brasil: História e Contemporaneidade**

Escola e família sofreram grandes modificações no decorrer do tempo. Ao percorrermos este caminho, podemos verificar a origem de muitas ideias que até hoje fazem parte do nosso sistema educacional.

Com a Proclamação da República, em 1889, idealizou-se a associação da educação escolar com a crença na civilização e no progresso. Com isso, as famílias tornaram-se desqualificadas para a tarefa de instruir, delegando-se esse atributo às escolas, cujos profissionais estariam tecnicamente qualificados para tal. O governo passa a ter um maior controle sobre a família, controlando hábitos de higiene, saúde e educação.

No governo Getúlio Vargas, a mulher é responsável pela ordem no lar, precisando ser reeducada para compreender as necessidades da criança. A estratégia da escola é usar o próprio aluno para intermediar uma influência constante sobre os adultos. Inicialmente perdendo a função de educadora, a família é chamada de volta para auxiliar o governo na educação dos filhos/alunos, submetidas primeiramente aos métodos dos profissionais da educação, que comandam todo o processo através de saberes específicos. A escola então intitulava-se uma instituição capaz de socializar as crianças, sobrepondo-se às famílias e a quaisquer outras instituições sociais.

A professora Arminda Álvaro Alberto, em 1921, criou o Círculo de Mães, objetivando aproximar a escola da família. Defendia uma escola pública, obrigatória para todos, sendo uma das três mulheres a assinar O Manifesto, documento que retratava toda a indignação com os rumos da educação no país, enfatizando a importância da família como agente educadora.

A partir da década de 50, cresce a conscientização das famílias no reconhecimento da importância da relação entre família e escola. Mas nos períodos de repressão a escola fecha-se, impossibilitando um diálogo com as famílias e a comunidade, voltando-se para o culto à nacionalidade, à moral e aos bons costumes, sendo utilizada como instrumento de controle, visto como garantia da segurança nacional.

Nas décadas de 70 e 80 cresce o movimento das famílias de classe média que enviam seus filhos para escolas particulares, gerando uma associação entre escola pública e pobreza.

A escola assumiu o papel de instituição especializada na promoção do ensino. Durante o século XX, escola e família dividiram responsabilidades, criando condições para que o aluno pudesse assimilar conhecimentos e desenvolver física e psicologicamente. Buscando identificar os efeitos dessas relações, família e escola se unem em função do desenvolvimento intelectual e do bem-estar emocional da criança.

## 2.2 A importância da relação família-escola

Nas últimas décadas a criança passou a ser o foco principal do sistema educacional. Essas mudanças incidem diretamente nas relações entre pais e filhos e professores e alunos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, aponta que os responsáveis pela transmissão da educação são os profissionais da área, mas não sozinhos, e sim numa articulação entre a família e a escola.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – Lei 8069 de 13 de julho de 1990, também deixa claro o direito dos pais ou responsáveis em participar dos processos pedagógicos e das propostas educacionais, e o dever de matricular seus filhos na rede regular de ensino.

No entanto, existe ainda uma discrepância entre o que é aprendido em sala de aula e o que é vivido pelos alunos do lado de fora dos muros da escola. Caso esta não leve em conta a realidade dos seus alunos, ficará para trás, demonstrando o seu total despreparo para lidar com essas questões. Espaço destinado à formação do indivíduo, a escola tem um papel de enorme importância no seu desenvolvimento, enfocando convicções e princípios que influenciarão no seu comportamento na

vida social. Portanto, torna-se importante que ela conheça os seus alunos e suas respectivas famílias, suas características, particularidades e trajetória de vida. Só assim os educadores poderão medir o êxito de suas ações, identificando demandas, refletindo dentro da realidade de cada aluno e formulando propostas pedagógicas de acordo com essa realidade.

A criança, além de ser dotada de uma interioridade própria, está inserida “num contexto espacial e temporal que a determina”(SAVIANI, 2011, p.45). Além de um meio físico, vive num meio humano, construído pelo homem, com sua história específica. À medida em que ela cresce, vai se adaptando a esse meio, deixando-se ajustar por ele, numa total condição de dependência. Torna-se capaz de decidir, assumindo suas decisões e as consequências que delas advém: torna-se consciente e responsável.

O envolvimento da escola com as famílias dos seus alunos traz grandes benefícios para a formação da identidade e a aquisição da autonomia, fazendo com que se sintam amparados, tanto pelo professor quanto pelos pais, que passam a conhecer melhor as suas necessidades e assumam o compromisso de desenvolver metas que vão intervir positivamente nos resultados de todo o seu processo de aprendizagem.

Portanto, a família é o local adequado para o desenvolvimento humano; e a escola é, aos olhares da sociedade, uma extensão da família, devendo ser pensada como uma instância mediadora entre as gerações e a cultura acumulada, pois é através dela que se formam cidadãos críticos e conscientes para ingressarem nessa sociedade.

#### Segundo Jean Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais, leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades... (PIAGET, 2007, p.50 apud SOUZA, 2009, p.6).

Um bom entendimento entre família e escola deve sempre permear qualquer trabalho de cunho educativo que tenha como principal objetivo o aluno, para que sejam estudadas e trabalhadas as suas realidades e limitações, comungando dos mesmos ideais, de maneira a superarem dificuldades que são motivos de angústia tanto dos profissionais como dos pais. Transmitindo total segurança ao aluno, dando a ele confiança e espaço para discutir assuntos relacionados à sua aprendizagem, possibilita uma reciprocidade de sentimentos, um respeitando o espaço do outro,

pois o desenvolvimento humano acontece quando há o envolvimento de todas as partes, sendo influenciado por vários fatores: emocionais, psicológicos, ambientais etc.

Vigotsky (1991b), citado por Pinto (2008, p.37), afirma que a interação entre família e escola permite obter um total conhecimento da realidade do aluno, de como está se desenvolvendo, do que ainda necessita e de como deve ser orientado, tendo-se sempre como ponto de partida o diálogo, que deve permear todo o processo de aprendizagem.

O processo educativo não se limita à escola ou à família, mas acompanha o indivíduo por toda a vida, sendo um eixo fundamental na sua formação de conhecimentos para as suas adaptações sociais. A criança não vem com manual de instruções ensinando como devemos educá-la. Portanto, há uma necessidade de um constante acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, estabelecendo regras e comportamentos socialmente adequados, buscando trabalhar em conjunto com a escola, fazendo com que ela repense suas práticas pedagógicas, para que juntos, possam levar as crianças e os jovens a compreenderem que quem tem direitos tem também deveres, e que esta união entre a família e a escola, buscando sempre a cooperação e o entendimento, é a base para a inserção na sociedade.

### **2.3 O impacto do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos**

No Brasil, a partir da década de 80, os movimentos sociais ganham força, e com eles vem o discurso da sociedade, juntamente com os profissionais da educação, que proclamam, em nome da liberdade e da democracia, a necessidade da presença da família no interior da escola.

Atualmente, as políticas educacionais desenvolvidas especialmente para sanar essa questão ainda são insuficientes, apesar de haver um grande número de pesquisadores que discursam sobre a importância dessa prática. As escolas públicas brasileiras enfrentam enormes dificuldades para acolherem o grande número de crianças em idade escolar.

Uma das principais queixas é que, em muitos casos, essa interação não é cordial, pois falta, em primeiro plano, “educar as famílias”, no sentido de apresentar a elas a importância de um acompanhamento mútuo do filho/aluno, para que se possa desenvolver um trabalho de qualidade. O ato de aproximar-se das famílias, com o objetivo de formar uma parceria, deve ser iniciado pelos professores, que são os representantes do saber, uma vez que muitos pais não possuem capacidade para tal, por serem analfabetos ou simplesmente por desconhecerem os caminhos que os conduziriam a uma relação mais próxima com a escola de seus filhos.

A escola, por sua vez, não deve assumir o papel de protagonista dessa relação, reduzindo as famílias a simples expectadoras, pois isso pode trazer resultados inversos aos esperados, além de uma relação amplamente superficial.

### 2.3.1 Os entraves da relação da família com a escola

A família, além de ser o ambiente adequado para o desenvolvimento do sujeito, também é responsável pelo processo de socialização e desenvolvimento intelectual desse sujeito, ainda que não seja um conhecimento sistematizado como o da escola, mas aquele que passa de geração em geração, transmitindo hábitos, saberes e comportamentos que o moldarão e o acompanharão durante toda a vida.

A escola tem a função de disseminar um saber específico, sistematizado, possibilitando ao sujeito a aquisição de conhecimentos que o levem a um saber científico e organizado.

Essas duas instituições têm objetivos distintos, mas se complementam a partir do momento em que compartilham a mesma tarefa, que é a de preparar os indivíduos para sua total inserção na sociedade, visando sua formação crítica e participativa.

Mas afinal, o que a escola espera da família? A esta é concedido o direito de opinar, de ajudar na busca de soluções, de contribuir na melhoria do ambiente escolar, ou somente o que se espera é a sua ajuda financeira, o reforço no dever de casa e a orientação de como se comportar em sala de aula? À família são impostos certos limites, como por exemplo, no campo pedagógico, destinado somente aos especialistas da área. Há um conflito instalado no cerne destas duas instituições. A escola reclama que a família não participa da vida escolar do aluno, deixando essa tarefa unicamente por conta dos professores; e a família reclama que não vai a reuniões porque a professora só sabe reclamar do filho.

Segundo Diogo (2010), a correria da vida moderna muitas vezes faz com que os pais se demitem de suas obrigações perante os filhos, não exercendo suas verdadeiras funções, deixando-os a mercê das influências da televisão e do videogame, não fazendo valer sua autoridade perante os pequenos.

Os professores atribuem à família a culpa pelo fracasso escolar do filho, impondo-lhes cobranças que muitas vezes acabam por afastá-los da escola, principalmente as famílias mais humildes, pois se sentem incapazes de sanar tais exigências.

## 2.3.2 A visão dos diferentes segmentos

### 2.3.2.1 A Escola

Segundo Oliveira e Marinho-Araujo (2010), uma pesquisa realizada com professores de uma escola do interior de São Paulo-SP, mostrou que há um desconhecimento por parte dos mesmos sobre as características das famílias de seus alunos, e por isso passam a idealizá-las como se fossem um ancoradouro, ou as descrevem de maneira estereotipada e expressões discriminativas. “..., envolver a família na educação escolar pode representar uma ameaça para alguns professores, por se sentirem destituídos de sua competência e de seu papel de ensinar”(OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p.104).

Apesar de a família ter seu campo de atuação limitado no ambiente escolar, a escola, por sua vez, julga-se apta e no direito de entrar nos problemas domésticos e ajudar a resolvê-los. No seu entendimento, a família está por trás do sucesso e também do fracasso do aluno. Os professores reclamam que por conta da desestruturação que a família sofre nos dias atuais, a escola se vê obrigada a assumir um papel que não lhe pertence, pois o que o aluno vive em casa reflete no seu aprendizado em sala de aula. “As famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares” (OLIVEIRA, 2010, p.102 *apud* SILVA, 2010, p.23).

Na prática, a aproximação dessas duas instituições tem sempre como objetivo a reafirmação de regras e as cobranças em que somente a escola julga-se capaz de efetuar. Esse quadro frequente acaba afastando as famílias da escola, pois os pais se sentem incapazes de caminhar em situação de igualdade para orientar o filho.

Sabe-se que em muitos casos os pais não tem o devido preparo para lidar com essas questões. A comunidade escolar, conhecendo essa realidade, poderá orientá-los nessa busca, criando ambientes propícios para o desenvolvimento do aluno, trabalhando a sua individualidade e dando suporte às famílias de acordo com as especificidades de cada uma. Somente através do diálogo e do empenho mútuo na busca de soluções essa tão esperada parceria família-escola será fortalecida e colocada em prática.

### 2.3.2.2 A Família

Os estudos de Bhering e Siraj-Blatchford(1999) e Bhering(2003), (*apud* OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010), Comprovam que os pais comungam da opinião de que a iniciativa

deve partir da escola, que deveria abrir espaço para um envolvimento dinâmico, não somente no auxílio na execução das tarefas, leituras e jogos, mas também na participação nas atividades dentro da escola, auxiliando na aprendizagem direta do aluno, tanto na sala de aula, como na biblioteca e nas excursões, Também poderiam colaborar, prestando serviços em eventos como feiras, aquisição de materiais para a escola etc. Mas o que se vê na prática é uma interação superficial e ineficiente, que se processa esporadicamente, na saída da escola, nas reuniões de pais, em datas comemorativas etc.

Pais e professores mostram-se hesitantes quanto às suas funções. Apesar de terem um objetivo comum, que é o bom desempenho escolar dos alunos, acreditam ter obrigações diferentes quanto à educação escolar. Para os pais, caberia a eles preparar o filho para receber tal educação, e aos professores a função de se responsabilizar totalmente por essa educação.

### 2.3.2.3 Os Alunos

De acordo com Oliveira e Marinho-Araujo (2010), pesquisas recentes, realizadas em escolas particulares no Paraná, comprovam que alunos do Ensino Médio veem de forma negativa essa relação. Os pais são chamados ao Colégio somente para serem cobrados quanto às notas baixas dos filhos e/ou quanto ao mau comportamento, o que causa uma indignação aos alunos, pois reclamam que o contrário nunca acontece, ou seja, os pais serem chamados porque os filhos fazem jus a um elogio por boas notas ou por bom comportamento.

Para os alunos das séries iniciais, de 1ª a 8ª séries, em pesquisa realizada no Distrito Federal (DF), os pais são mais participativos, principalmente nas reuniões de pais, havendo uma diminuição à medida que vão avançando nas séries.

Com a intenção de melhorarem essa interação, os alunos propuseram a intermediação entre escola e família executada por eles, com o objetivo de incentivar os pais a participarem mais ativamente do ambiente escolar, através da entrega de avisos e informes, da solicitação de participação nas atividades etc.

Este último dado sinaliza para o importante papel que os próprios alunos podem assumir diante das relações entre suas famílias e a escola, pois, geralmente, ao investigar os processos de comunicação entre a família e a escola, suas influências, intersecções e interações, as pesquisas focalizam especialmente o papel dos adultos nesta interrelação (OLIVEIRA; MARINHO-ARAUJO, 2010, p.106).

A partir do relato dos diferentes segmentos, pode-se observar o quanto essa relação é distinta para cada uma das partes envolvidas. Pais e professores compartilham do mesmo propósito, que é o bom desempenho escolar do filho-aluno, mas divergem quanto as suas responsabilidades para que esse objetivo seja atingido. No que concerne ao aluno, a cobrança quanto ao desempenho escolar acontece com muita frequência e se dá de forma bastante negativa.

#### 2.4 A relação família-escola no contexto do campo/rural

As pesquisas sobre a relação que as escolas mantêm com as famílias nas comunidades rurais são muito escassas. Por meio de movimentos sociais, foram detectadas diferentes ações impostas pelas comunidades rurais visando a construção da identidade escolar no campo. Dentre elas, destacam-se os convênios entre Universidades, Instituições Públicas, Igrejas etc. Diversas práticas já podem ser destacadas, como por exemplo, o fato de se levar em conta a realidade do aluno, suas necessidades e o contexto em que ele está inserido.

Do ponto de vista jurídico, a Resolução CNE/CEB nº1, de 03 de abril de 2002, instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, reconhecendo com isso as particularidades da educação que seria ofertada nesse espaço.

No contexto pesquisado, a relação da família com a escola torna-se muito difícil, pois o ritmo da escola não considera o das famílias camponesas.

(...) na zona rural as famílias não se encontram preparadas para enfrentar ou solucionar os problemas propostos pelos educadores de seus filhos. No campo os pais quase não têm tempo para participar dessa parceria, pois na maioria das vezes vão trabalhar nas plantações logo cedo e só voltam ao entardecer, para garantir o sustento da família. Seus filhos também perdem aulas ou abandonam a escola devido às suas tarefas domésticas, tais como arrumar a casa, tomar conta dos irmãos menores e ainda ajudar nas plantações MARIA LÚCIA, ANDRÉIA PAULA, LUCILENE, SELMA – Turma de 2008, *apud* CUNHA, 2010, p.217).

O dever de casa, uma das rotinas institucionalizadas pela escola, é uma das práticas em que se pode identificar enormes dissonâncias.

Na zona rural é muito comum encontrar estudantes que tem pai ou mãe com pouca escolarização e até mesmo analfabetos, o que torna a tarefa de fazer o dever de casa um compromisso difícil, penoso e desagradável (JOSILMA, MARLÚCIA, MARIA DO CARMO, MARIA ELIZABETE, SIMONE E HELENA – Turma de 2008, *apud* CUNHA, 2010, p.219).

Em um ambiente em que reina a luta pela subsistência, centralizando a lógica do trabalho no âmago dessas famílias, o analfabetismo, um sistema escolar precário, o longo caminho percorrido

todos os dias para se chegar à escola etc, há uma enorme dificuldade em se estabelecer uma dinâmica suprema, persistindo a lógica da desigualdade entre duas instâncias socializadoras.

## 2.5 O papel do psicopedagogo na relação família-escola

Uma parceria entre escola e especialistas é de vital importância na identificação de casos que carecem de um atendimento terapêutico. Às vezes, com algumas intervenções executadas na hora certa, torna-se possível modificar algum quadro que, do contrário, poderia transformar-se em algo mais grave. Culpar simplesmente a família pelo quadro apresentado pelo aluno não vai ajudar a resolver os problemas. Ao contrário, família e escola devem se unir para que, juntas possam identificar quais são as reais necessidades da criança e ajudá-la nesse processo, para que ela possa se sentir amparada.

Muitas vezes, os pais não têm condições de detectar as dificuldades do filho e necessitam de ajuda para tal. A sala de aula, por ser um espaço de interação, facilita a identificação dessas dificuldades.

Um aluno com baixo rendimento escolar pode apresentar dificuldades de interação com os colegas, desenvolver sentimentos de inferioridade e um desinteresse constante em realizar as atividades propostas. Eis então a importância da interação da escola com a família, que quando sólida, permite a esses atores um constante vigiar sobre a criança, fazendo com que o seu desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem seja equilibrado, tornando-a cidadã consciente e íntegra no exercício de sua cidadania.

### 2.5.1 O papel do Psicopedagogo na instituição escolar

Segundo Nascimento (2013, pág.1 ), o psicopedagogo na instituição escolar

(...) é o profissional indicado para assessorar e esclarecer a escola a respeito de diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem e tem uma atuação preventiva. Na escola, o psicopedagogo poderá contribuir no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas escolares. Seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Propõe e auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis às mudanças educacionais, visando evitar processos que conduzam às dificuldades da construção do conhecimento.

Desempenhando um papel importantíssimo no desenvolvimento dos indivíduos, a escola tem um caráter socializador, ou seja, ela tem uma relevante função social, que é o de inserir esses

indivíduos na sociedade. Trabalhando preventivamente, o psicopedagogo estuda as condições da escola para que se produza o saber de maneira adequada, visando imperfeições nesta caminhada, identificando os obstáculos que se interpõem e intervindo quando necessário, estando sempre pronto a atender alunos que apresentam algum problema de aprendizagem, atuando de maneira eficaz na prevenção, no diagnóstico e no tratamento.

O psicopedagogo, em uma instituição escolar, poderá desenvolver vários trabalhos, como por exemplo: ajudar os professores na elaboração dos planos de aula objetivando a melhora no entendimento por parte dos alunos; ajudar a construir o projeto pedagógico da instituição; orientar os professores na ajuda mais efetiva de algum aluno que apresente alguma dificuldade de aprendizagem em sala de aula; realizar diagnóstico institucional, objetivando identificar problemas pedagógicos que estão ou que venham prejudicar o processo ensino-aprendizagem dos alunos; fazer o encaminhamento do aluno, caso necessário, para um profissional (psicólogo, fonoaudiólogo etc), partindo de avaliações psicopedagógicas; conversar com os pais, colocando-os a par dos acontecimentos na escola, fornecendo orientações a respeito de alguma situação que se apresenta; auxiliar direção e profissionais da escola para que tenham bom relacionamento entre si; dialogar com o aluno (criança ou adolescente), auxiliando e orientando quando necessário; etc.

Detectando os problemas a serem enfrentados, o psicopedagogo deverá intervir junto à família dessas crianças. Essa intervenção poderá ser realizada, por exemplo, por meio de uma entrevista, realizando uma anamnese com os membros dessa família, fazendo um estudo da história de vida da criança, para que ele possa se inteirar de informações de fundo orgânico, cognitivo, emocional e social dessas crianças. Posteriormente, poderá, de acordo com o resultado, realizar atividades individuais e/ou em grupo.

### 2.5.2 Dificuldades encontradas pela psicopedagogia

A psicopedagogia institucional possui um papel muito importante no sentido de cuidar de todos os processos de aprendizagem que acontecem no interior da escola. Isto significa dar conta dos processos de aprendizagens docentes e discentes, dos seus medos, preconceitos, dificuldades e facilidades que, articulados no conjunto, retratam a identidade de todo o grupo escolar (BASSEDAS, 1996, *apud* SILVA, 2012, pág.4).

O psicopedagogo encontra dificuldades na realização do seu trabalho, muitas vezes por desconhecer totalmente o processo de ensino-aprendizagem, outras pela relação difícil que estabelece com o aluno atendido. Além disso, encontra também resistências da parte da equipe educacional da instituição, pois muitas vezes, devido ao seu diagnóstico, há uma necessidade de

uma avaliação de todo processo educativo, o que na maioria das vezes, não é visto com bons olhos pela escola.

Muitas vezes, esse profissional é levado a aceitar os resultados do rendimento do aluno, sem poder analisar mais minuciosamente o seu grau de elaboração do que está sendo ensinado ou nas condições a que está submetido para sua aprendizagem. Com isso, cria-se um falso cenário dos problemas reais da escola, rotulando o aluno e colocando sobre ele a responsabilidade pelo seu próprio fracasso.

É de fundamental importância que o psicopedagogo analise o aluno em todo o seu contexto: sua postura diante das atividades que lhe são apresentadas em sala e durante a execução das mesmas, sua relação com os colegas e com o professor etc. Só assim conseguirá concluir o seu diagnóstico de maneira a não sobrecarregar o aluno, taxando-o de incapaz, além de envolver todos os profissionais em uma reflexão constante sobre os caminhos anteriormente traçados, seus pontos positivos e negativos, repensando a proposta atual de aprendizagem e o que pode ser mudado para atender de maneira generalizada a todos os alunos.

### 2.5.3 O papel do psicopedagogo na constituição de uma relação sólida entre família e escola

As escolas têm assumido cada vez mais o papel de formar, orientar e solucionar possíveis problemas disseminados no seio das famílias. Diante de tal situação, quais as possíveis contribuições que os profissionais de Psicologia e Pedagogia podem ofertar a essas famílias?

Desse modo, são apontadas algumas soluções para esse impasse, com o objetivo de apoiar a família, reforçando os papéis desempenhados pelos seus membros, visando o fortalecimento dos elos familiares.

Segundo Benitez (2008), em uma unidade escolar da rede estadual de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, foi implantado um Programa denominado “Escola para pais”, com o intuito de desenvolver uma pesquisa com os pais, tendo como principais objetivos fazer um reconhecimento das dificuldades apresentadas no ambiente escolar, propor uma reflexão das questões identificadas e fazer uma integração dos pais no espaço escolar dos filhos. O público-alvo foram os pais dos alunos do Ensino Fundamental, escolhidos por serem os pais mais participativos nas questões da escola.

(...) é no espaço escolar, portanto, que se pode realizar as fecundas ações do saber e a partir dos conhecimentos fornecidos pela Psicologia e pela Pedagogia pôde-se entender o desenvolvimento infantil, a importância da família e da escola, questões de identidade, as relações criança-adulto, criança-criança e educador-pais (BENITEZ, 2008, pág.2).

Por meio de observações durante o recreio e do diálogo, foi possível detectar o mau comportamento de certos alunos, apontado anteriormente pelos professores e pela direção da escola, que não sabem mais como agir devido à gravidade da situação. As questões foram discutidas com os pais nas reuniões do Programa em busca de soluções.

O resultado alcançou os objetivos propostos, pois mostrou que quando se quer fazer alguma transformação de forma estruturada, por mais tênue que seja, ela consegue transpor vários obstáculos de maneira eficaz e efetiva. Com esse trabalho, foi possível orientar os pais, com a finalidade de desenvolver nos seus filhos/alunos uma real aprendizagem, além de valorizar a relação da escola com a família.

O envolvimento dos pais em programas educacionais, torna-se um facilitador na compreensão do desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e comportamental dos filhos, pois passam a agir de acordo com as necessidades e dificuldades de cada etapa do seu desenvolvimento, formando uma identidade perfeita e salutar.

Há várias estratégias de aproximação entre os agentes escolares e as famílias. Em algumas escolas, os professores se deslocam até a residência dos alunos. Em outras, quem faz essa visita são os agentes da educação. Ainda em outras, são os psicólogos e os assistentes sociais, sob a alegação de que esses profissionais são mais bem preparados para fazerem essa ponte entre a família e a escola. Em qualquer forma de abordagem, o importante é preparar esses profissionais de modo que essas visitas sejam bem planejadas, pois são fontes importantes de informações que ajudarão no processo de interação família-escola. Com essas visitas, observou-se que quando os motivos das mesmas são para tratar de assuntos relacionados à infrequência, à evasão escolar e ao mau desempenho do aluno, elas se tornam indesejadas, que acabam por estigmatizar os alunos visitados e faz com que os outros não queiram receber esses agentes. “Pais e mães, quando sentem que a escola só pensa na repreensão, costumam se afastar do ambiente escolar” (CASTRO; REGATTIERI, 2009, p.52, rev.2012).

Psicopedagogia e família são dois nomes interligados muito fortemente nos dias de hoje. O processo de aprendizagem é abrangente, deixando de ser focado simplesmente no aluno e no professor, levando-se em conta também o contexto familiar, devendo ser apreendido com cautela pelo professor e pelo psicopedagogo. Desse modo, o modelo de aprendizagem não se restringe somente ao individual, e sim, aos vínculos estabelecidos em família.

#### 2.5.4 Algumas ações desenvolvidas pela gestão escolar com a ajuda do psicopedagogo:

- Reuniões com pais, professores e gestores expondo mais os planos pedagógicos da instituição e menos os pontos negativos dos alunos, objetivando reduzir a taxa de abandono e repetência.
- Reuniões periódicas para discutirem direitos e deveres dos responsáveis pelos alunos, objetivando reduzir os casos de indisciplina na escola.
- Conhecer melhor as famílias através de questionários e visitas domiciliares, conscientizando-as da importância de sua participação no ambiente escolar.
- Fazer o encaminhamento de casos, tanto dos alunos quanto de pessoas de sua família.
- Criar uma Escola de Pais, realizando ciclos de palestras na escola com temas que envolvem a realidade dos alunos, como a relação pais e filhos etc. O objetivo é dar voz aos pais para uma troca de experiências, levando-os a perceberem que não estão sós nessa caminhada. A cada encontro fazer uma pesquisa para verificar os assuntos de maior interesse, os dias da semana pertinentes para os encontros etc; e fazer uma avaliação, aplicando um questionário para analisar a aceitação do projeto.
- Entrevistas com pais e alunos no ato da matrícula. Repeti-las durante o período letivo, com conversas individuais, identificando pontos que irão ajudar o aluno na sala de aula.
- Divulgar a produção dos alunos para toda a escola e também para os pais (redações, poesias etc).
- Incentivar os pais a participarem de conselhos escolares, para discutirem as aplicações financeiras da escola.
- Orientar pais que tenham filhos com necessidades educacionais especiais sobre procedimentos para buscarem atendimentos especializados.

Para a família, a escola tem um significado e uma representação que ficarão marcados na forma de ser do aluno e de como ele se relaciona com o conhecimento. A escola só será funcional, desenvolvendo a capacidade de resolver seus conflitos, se estabelecer uma aliança entre comunidade, professores e funcionários.

Segundo Andréa e Patrícia (2011), cada um dos membros da instituição de ensino tem um papel para desempenhar. Observando e diagnosticando, o psicopedagogo elabora diversas condições que interferem favoravelmente na solução dos problemas que vão surgindo, “fazendo com que o ensinar e o aprender se tornem comprometidos”.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida como forma de um estudo bibliográfico, baseado na revisão de literatura. O acesso deu-se de duas maneiras: manual e eletrônico. A consulta manual foi feita em dois livros de referências disponíveis na Biblioteca Roberval Cardoso, pertencente ao Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Câmpus Barbacena, MG. A consulta eletrônica foi feita a um artigo disponibilizado na internet, na base de dados eletrônicos da SciELO (Scientific Electronic Library Online). Também foram consultados artigos revisados por especialistas (peer-reviewed), artigos de editoras acadêmicas, organizações profissionais, bibliotecas, universidades e outras entidades acadêmicas.

A finalidade do estudo foi a possibilidade de um estreitamento de relações entre a família e a escola, com o intuito de privilegiar o aprendizado dos alunos e “perceber como a família vive as interferências do mundo social, de novas realidades históricas que vão produzindo pessoas diferentes e novas subjetividades” (BOCK, 2009, p.250). Após a realização da revisão de literatura, ficou evidenciado “o quanto é importante e benéfica a relação Família/Escola no processo educativo da criança” (SOUZA, 2009, P.22).

Procurando aprofundar os conhecimentos acerca dessa discussão, a pesquisa enquadrou-se na abordagem qualitativa, pois incluiu interpretações e entendimentos sobre o tema, buscando identificar modelos recorrentes que mostrassem como a relação escola-família está sendo vista no ambiente educacional, de modo que evidencie alternativas para melhorar a vida escolar. Enfatizando todo esse contexto, observou-se qual a participação efetiva da escola nesse processo e as dificuldades encontradas para que se concretize, identificando os fatores que implicam e interferem na relação entre essas duas instituições.

Através deste trabalho objetivou-se revelar que a interação entre a escola e a família seja a chave para uma mudança radical nos valores sociais, atualmente tão carentes de regras. Sendo uma mediadora entre o indivíduo e a sociedade, a família assume um lugar de proteção e cuidados, que em muitos casos torna-se um mito, pois desnuda-se e mostra sua verdadeira face, refletindo na subjetividade dos indivíduos que a compõem toda a sua desestruturação e instabilidade. Já a escola, sendo um espaço de contextos diversificados, de desenvolvimento e aprendizagem, reunindo todas as formas de conhecimentos, regras e atividades pré-programadas, visa o desenvolvimento físico, cognitivo, cultural e pessoal do sujeito, preparando-o para viver no mundo adulto. Assim como a

família, a escola é um ambiente que compreende a construção de laços afetivos, de interações constantes e de preparação dos indivíduos para sua inserção na sociedade.

A família e a escola são os principais ambientes para que ocorram desenvolvimento e formação humana na sociedade. A criança vai incorporando os instrumentos culturais na relação com as pessoas à sua volta. Ela precisa dessa interação para absorver e construir o conhecimento, pois só assim consegue evoluir. Através do bom relacionamento cria-se uma ponte para o saber.

Torna-se importante o trabalho do psicopedagogo na construção dessa relação, elaborando um projeto psicopedagógico, trabalhando em conjunto com a gestão e com os professores, incentivando os alunos dentro do ambiente da sala de aula e a participação da família na interação constante com a escola.

As reuniões escolares podem ser de grande valia para estreitar esses laços. No entanto, o que se vê muitas vezes, é um enorme descaso, tanto dos pais, que não vão às reuniões, como da escola, que não incentiva o diálogo, não dando importância à oportunidade, que poderia ser muito mais bem aproveitada. É obrigação deste profissional entrar em contato com a família para investigar determinado problema que se apresente, para resolver comportamentos e mudanças inesperadas. O seu diagnóstico possui uma grande relevância. Todo o processo é estruturado pra que se observe a interação entre o cognitivo e o afetivo, que é de onde resulta o funcionamento do indivíduo.

#### **4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Desde os primórdios, o homem sempre teve necessidade de buscar conhecimentos, encontrando, ao longo do tempo, várias maneiras de fazê-lo, procurando assim uma permanente revitalização do seu desenvolvimento como ser humano.

Em 1920, com o surgimento da Escola Nova, movimento que tinha como proposta a reinvenção da escola, aliando conhecimentos de psicologia e biologia, entre outras ciências, o aluno é instituído como sendo o sujeito de maior importância dentro da escola, e o conhecimento devendo ser o mais próximo possível de suas experiências pessoais. Como então separar a família da escola, ou vice-versa, sendo aquela responsável pelo desenvolvimento da personalidade da criança, pois é a primeira instituição a que a criança tem acesso? Através do olhar familiar, a

criança descobre o mundo, incorporando as técnicas e os comportamentos peculiares deste ambiente, pois é o seu primeiro contato desde o momento que nasceu. “A família reproduz em seu interior a cultura que a criança internalizará” (BOCK, 2009, p.252). Quando chega à escola, leva consigo uma bagagem de conceitos e experiências que vão influenciar na sua vida escolar.

“Escola e família são instituições diferentes e que apresentam objetivos distintos; todavia, compartilham a importante tarefa de preparar crianças e adolescentes para a inserção na sociedade, a qual deve ter uma característica crítica, participativa e produtiva” (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

A escola, com sua infinidade de conhecimentos organizados, surge para dar uma direção ao indivíduo, influenciando-o, lapidando-o para exercer com firmeza a sua cidadania e desenvolver um senso crítico, tornando-se “um ser capaz de transformar sua realidade” (BENITEZ, 2008, p.8).

Segundo CASTRO; REGATTIERI (2009),

Diante da complexidade que afeta a vida dos alunos, e para cumprir sua missão de assegurar um ensino público de qualidade, a estrutura educacional deve assumir a iniciativa da aproximação com as famílias, tendo sempre em seu horizonte a articulação de políticas com outros atores e serviços sociais. Para isso, as escolas e os sistemas de ensino poderiam responder perguntas simples, tais como:

- Por que chamar as famílias à escola?
- Quando e por que ir às famílias?
- Nos encontros programados pelos educadores, os familiares têm oportunidades para falar o que pensam?
- As situações de interação contribuem realmente para aproximar escola e famílias, ou acabam aumentando as distâncias sociais e culturais entre elas?
- A escola está aberta para conhecer e respeitar a cultura, a organização e os saberes dos grupos familiares mais distanciados do padrão tradicional?
- Os familiares têm mesmo poder de interferência nos conselhos, assembleias, colegiados?
- A escola utiliza o conhecimento mais acurado que tem ao se aproximar das famílias para se planejar, rever suas práticas e formas de tratar os alunos?
- Quando a escola se aproxima das famílias e percebe situações de vulnerabilidade social, ela consegue convocar novos atores para encaminhar os apoios necessários?

Com esta pesquisa, revela-se a dificuldade de ambas, família e escola, em administrar as suas diferenças. A família reclama que a escola foca somente o lado negativo do aluno, rotulando-o imediatamente após um mau comportamento ou uma dificuldade na realização de alguma tarefa, não buscando informações relevantes que muitas vezes resolveria o problema de maneira mais rápida e tranquila. A escola reclama que a família não atende aos seus apelos, ficando à margem das situações-problema, não assumindo sua parte nessa parceria. “Os pais percebem a escola, ou seja, os professores de seus filhos como pessoas superiores a eles e isso os assustam e assim, na maioria das vezes deixam de participar da vida escolar de seus filhos ou, se submetem às exigências da escola, sem coragem de expor suas necessidades”(SOUZA, 2009).

“A relativa escassez sobre os modos de socialização escolar e familiar no contexto rural revela a maneira como o mundo rural é ainda equacionado: de maneira simplista, como um problema exclusivamente associado ao desenvolvimento, em contraposição ao mundo urbano industrializado” (CUNHA, 2013). As práticas escolares no contexto rural, tão pouco estudadas na atualidade, podem e devem ser pensadas como um novo modelo para a escola contemporânea.

Essa total falta de sintonia entre família e escola causa uma falência no sistema educacional, pois onde era para existir uma parceria, existe uma adversidade, fazendo com que o aluno, muitas vezes, se sinta disputado, e ao mesmo tempo, desprotegido. “E são as elevadas expectativas sociais depositadas na educação familiar e na educação escolar, tornando-as tarefas acrescidamente complexas e exigentes, que nos permitem visualizar duas faces de uma mesma moeda, de um lado a crença na importância do envolvimento parental, de outro a crítica à sua insuficiência” (DIOGO, 2010).

O papel do psicopedagogo é de grande importância na escola, atingindo “seus objetivos quando, ampliando a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem de determinado aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem” (NASCIMENTO, 2013). Capaz de promover uma interação entre ambas, muitas vezes ele encontra dificuldades para colocar o trabalho em prática, pois é visto com desconfiança pela equipe educacional que não aceita mudanças no que já está instituído. Muitas vezes não tem a colaboração dos pais, que o rotulam de arrogante ou simplesmente de chato, quando procura ajuda da família para desvendar alguma dificuldade de aprendizagem ou de adaptação.

Nesse contexto, acredita-se que ainda há muito o que fazer, e que antes de educar os alunos, há a necessidade de se educar os pais e os educadores, para que assim consigam, em parceria, educar os filhos/alunos.

## 5 CONCLUSÕES

Procedeu-se a uma importante investigação literária sobre a relação da família com a escola, sua importância para o desenvolvimento da criança/aluno e o grau de envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos. E qual o verdadeiro papel do psicopedagogo e que atitudes ele pode e deve tomar para promover essa interação.

Ao final da pesquisa, observou-se que são muitos os desafios e os conceitos formados no que concerne à relação família-escola, sendo dever da segunda ressignificar esses conceitos, desmistificando imposições e exigências que são delegadas à primeira.

Torna-se de fundamental importância a comunidade escolar ampliar as oportunidades de participação de todos na vida da escola, fazendo da presença da família um ato político e centralizado, atuando de forma democrática.

Trabalha-se hoje com diferentes grupos familiares, portanto, não se deve deixar de valorizar o ambiente ao qual o aluno pertence, pois é dele que se originam os primeiros ensinamentos que as crianças levarão para o ambiente escolar e que este procurará aperfeiçoar. Fazer deste ambiente um caminho para a cidadania é tarefa da escola, que procurará sanar as dificuldades e carências da comunidade em que o aluno está inserido.

No século passado uma das principais funções da família era a proteção da identidade da criança até esta atingir a idade escolar, passando depois esta atribuição ao convívio social. Na travessia para o século XXI, assistimos a uma “fragmentação produzida no sujeito contemporâneo pela prevalência da imagem, pela inflação do real e pela falência simbólica” (BERNARDINO, 2008, p.671). Ou seja, na contemporaneidade há um questionamento das tradições, uma inversão de posições, alterando o papel social da função paterna. O sujeito não mais questiona “quem sou eu”, mas “o que tenho” e “o que desejo ter”. Os pais, muitas vezes, preocupam-se em sanar o desejo dos filhos, não medindo esforços para tal, e os valores culturais, tão necessários na constituição subjetiva da criança, vão ficando esquecidos. Essa carência, aliada à frágil autoridade dos pais,

poderá gerar no futuro graves problemas na criança, desde dificuldades de desenvolvimento até psicopatologias da infância, como psicoses infantis etc.

A Psicopedagogia, utilizando recursos diagnósticos, corretivos e preventivos, apresenta duas linhas de ação: preventiva e clínica. A primeira tem como objetivo refletir e discutir os projetos pedagógicos, os processos didáticos e a dinâmica da instituição, focando na qualidade do que é desenvolvido em sala de aula, nas avaliações, no planejamento e na assessoria a professores, pedagogos e orientadores. Já a segunda, mais individualizada, pois sua prática é mais desenvolvida em consultórios, tem por objetivo reinserir o sujeito com problemas de aprendizagem ao contexto escolar.

O psicopedagogo, analisando o Projeto Político Pedagógico da escola, abrirá um caminho para que a escola invista no aluno, viabilizando recursos que atendam as demandas relacionadas às dificuldades de aprendizagem. “Desta forma, o fazer psicopedagógico se transforma podendo se tornar uma ferramenta poderosa no auxílio da aprendizagem” (NASCIMENTO, 2013, p.4).

A escola não pode aceitar como normal a falta de motivação e de interesse das famílias pela vida escolar dos seus filhos, mesmo compreendendo que ações contrárias, com o intuito de promover a aproximação com as famílias são lentas e demoradas.

## REFERÊNCIAS

1. BENITEZ, P. **Escola para pais: repaginando a relação família-escola.** Psicopedagogia On Line. 2008. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1064>. Acesso em 07/06/2013.
2. BERNARDINO, L.M.F.; KUPFER, M.C.M. **A criança como mestre do gozo da família atual: desdobramentos da "pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil"** . Revista Mal-Estar e Subjetividade.v.8, n.3, Fortaleza, set.2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482008000300005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482008000300005&script=sci_arttext). Acesso em 09/10/2014.
3. BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **PSICOLOGIAS:** uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, Ed. 14. Ano 2009. 368 p.
4. CASTRO, J. M.; REGATTIERI, M. (Orgs.). **Interação escola-família:** subsídios para práticas escolares. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 104 p. Revisado em 2012.

5. CUNHA, M. A. de A. **A relação família-escola rural/do campo: os desafios de um objeto em construção.** Educação e Diversidade. 2010, p. 214-234. Disponível em: [www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/maria\\_amalia1.pdf](http://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/maria_amalia1.pdf). Acesso em 01/06/2013.
6. DIOGO, A. M. **Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas e evidências.** Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação, 2010. fae.ufmg. br. P. 71-96. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/osfe/Diogo,%20Ana%20Matias>. Pdf. Acesso em 29/05/2013.
7. NASCIMENTO, F. D. do. **O Papel do Psicopedagogo na Instituição Escolar.** Mar/2013, 4p. Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-papel-do-psicopedagogo-na-instituicao-escolar>. Acesso em 09/06/2013.
8. OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** Estud. psicol. (Campinas) vol.27, nº.1. Campinas, mar. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103166X2010000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 30/05/2013.
9. SAVIANI, D. **Educação Brasileira: Estrutura e Sistema.** 10ª ed. Campinas, SP: Autores Associados. 2008. 161p.
10. SILVA, A. M. F. da. **A importância da atuação psicopedagógica no contexto escolar.** Psicopedagogia On Line. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1422>. Acesso em 08/06/2013.
11. SOUZA, M. E. do P. **Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar.** Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná. 2009.

## AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

A Deus, pela força e coragem durante toda esta caminhada.

À Professora Andreia Oliveira Vicente, pela orientação, aprendizado e apoio em todos os momentos necessários.

Aos funcionários da Biblioteca Roberval Cardoso, pertencente ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Câmpus Barbacena, pela ajuda incondicional.